

Mário Jorge Lima

Vi hoje no Facebook a foto de um pai com seu filho seguro pela mão, enquanto este abraçava uma bola de futebol. Ao lado, em outra foto, algumas dezenas de anos depois, os mesmos pai e filho, na mesma pose, no mesmo cenário, o pai, já bem velhinho, o filho a caminho dessa maturidade. Quedei-me contemplativo, absorto em meus pensamentos, enquanto apreciava aquela foto.

Resgatei muitas cenas no baú da minha memória, parecidas com aquela, de momentos preciosos da minha infância, adolescência e juventude, que não tenho como reproduzir nos dias atuais. Momentos felizes, descontraídos, festivos, alguns tristes e melancólicos, mas todos, sem exceção, saudosos, significativos e inesquecíveis. Mais que isso, indispensáveis.

Fiquei imaginando e divagando: se nossa vida tivesse as mesmas quatro fases básicas, ou seja, a infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice, mas elas acontecessem em blocos e não da forma suave e contínua como ocorre, como seria? Assim, um dia dormiríamos crianças e amanheceríamos adolescentes, ou dormiríamos adultos e amanheceríamos já idosos e cansados. Penso que isso causaria choques terríveis ao ocorrerem essas mudanças radicais.

Mas, a natureza é sábia, e nos permite o crescimento, maturidade e envelhecimento de forma tal que, se por um lado são contínuos e inexoráveis, por outro lado acontecem num ritmo, num tempo e cadência que possibilitam a reflexão, o aprendizado e a internalização de experiências, a adequação a cada fase, com suas fases intermediárias, bem como a retenção dessas lembranças na nossa memória.

Já abordei tema parecido, gosto de ver fotos de pessoas públicas, celebridades, em seus momentos de juventude, e anos depois já em idade avançada, mostrando no corpo e no rosto a ação do tempo e da vida. Outro dia procurei no Google fotos de Warren Beatty, um dos atores que sempre admirei na minha juventude, anos 70, hoje já beirando os 80 anos de idade. Ainda bonito e elegante, Warren Beatty mantém o mesmo semblante jovial e sorridente dos tempos dourados de Hollywood.

Saber envelhecer e receber com valentia e destemor, no corpo, na alma, as marcas imprimidas pelo tempo, é um dom do céu. Manter ativo e altivo o espírito, olhar as cenas do passado não para lamentar ou entristecer-se, mas, para aprender as lições de tudo que vivemos, suportar as perdas, livrar-se das culpas, ser agradecido e generoso, eis o que torna o ser humano superior a tudo o mais que se move sobre a terra, e enche ainda de esperança o duro mundo em que vivemos.

E como o tempo não espera, mas passa veloz e constante, talvez devêssemos fazer dele uma experiência sempre renovadora, da qual pudéssemos, com prazer, nos lembrar. Nos anos 70 eu arrisquei um pequeno poema que dizia:

Neste tempo em que o tempo passa em nossa vida,
E as pessoas sem ter tempo,
Passam sem ficar, ficam sem falar,
Falam sem dizer, dizem sem pensar,
Tudo em volta, velozmente, é uma corrida,
E quem corre não tem tempo
Para perceber, para acontecer,
Para ver você, para não correr.
Mas ainda é tempo para perceber

Coisas simples e bonitas como amar e ajudar.
Esse novo tempo pode ser pra já,
Basta apenas que você queira começar,
É preciso simplesmente amar.

